LISA
KLEYPAS
PAIXÃO AO
ENTARDECER
Os Hathaways 5
ARQUEIRO

O ARQUEIRO

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Para Eloisa, minha amiga brilhante e absolutamente fabulosa. Se me permitem parafrasear E.B. White: "Não é sempre que aparece alguém que seja um amigo sincero e um bom escritor." Eloisa é as duas coisas.

Com amor, sempre,

L.K.

PRÓLOGO

Capitão Christopher Phelan
1º Batalhão da Brigada de Rifles
Cabo Mapan
Crimeia

Junho de 1855

Caríssimo Christopher,
Não posso mais escrever para você.
Não sou quem acha que sou.
Não tinha a intenção de enviar cartas de amor, mas foi isso que elas se tornaram. No caminho até você, as palavras se transformaram nas batidas do meu coração gravadas em papel.
Volte, por favor, volte para casa e descubra quem sou.
(sem assinatura)

CAPÍTULO 1

Hampshire, Inglaterra
Oito meses antes

Tudo começou com uma carta.

Para ser mais exato, com a menção a um cão.

– E o cachorro? – perguntou Beatrix Hathaway. – De quem é?

A amiga dela, Prudence, beldade suprema do condado de Hampshire, ergueu os olhos da carta que recebera de seu pretendente, o capitão Christopher Phelan.

Embora não fosse apropriado que um cavalheiro se correspondesse com uma moça solteira, eles haviam conseguido organizar a troca de cartas usando a cunhada de Phelan como intermediária.

Prudence fez uma careta zombeteira para a amiga.

– Sinceramente, Bea, você parece muito mais preocupada com um cachorro do que jamais esteve em relação ao capitão Phelan.

– O capitão Phelan não precisa da minha preocupação – disse Beatrix num tom prático. – Ele já conta com a atenção de todas as senhoritas casadouras de Hampshire. Além do mais, foi ele quem escolheu ir para a guerra, e estou certa de que está se divertindo por aí em seu uniforme elegante.

– Não tem nada de elegante – foi o comentário irritado de Prudence. – Na verdade, os uniformes do novo regimento dele são *horríveis*; muito simples, verde-escuros com adornos pretos, e nenhuma fita dourada ou qualquer tipo de aplique. Quando perguntei o motivo de tanta simplicidade, o capitão Phelan disse que era para ajudar os Rifles a se manterem escondidos, o que não faz o menor sentido, já que todos sabem que um soldado britânico é corajoso e orgulhoso demais para se esconder durante a batalha. Mas Christopher, ou melhor, o capitão Phelan, disse que isso tinha a ver com... ah, ele usou uma palavra em francês...

– *Camouflage*? – perguntou Beatrix, intrigada.

– Isso mesmo! Como sabe disso?

– Muitos animais têm meios de se camuflar para não serem vistos. Os

camaleões, por exemplo. Ou a coruja, cujo padrão das penas se confunde com o tronco das árvores. Assim...

– Pelo amor de Deus, Beatrix, *não* comece outra preleção sobre animais.

– Eu paro se você me contar sobre o cachorro.

Prudence estendeu a carta à amiga.

– Leia você mesma.

– Mas Pru... – protestou Beatrix, quando as folhas pequenas e elegantes da carta foram enfiadas em suas mãos. – O capitão Phelan pode ter escrito algo pessoal.

– Que sorte a minha se isso fosse verdade! A carta é absolutamente deprimente. Não fala de nada além de batalhas e más notícias.

Embora Christopher Phelan fosse o último homem que Beatrix tivesse a intenção de defender, ela não conseguiu evitar o comentário:

– Ele está lutando na Crimeia, Pru. Creio que não haja muitas coisas agradáveis sobre as quais escrever em tempos de guerra.

– Ora, não tenho interesse algum em países estrangeiros e nunca fingi ter.

Um sorriso relutante se abriu no rosto de Beatrix.

– Pru, tem certeza de que quer ser a esposa de um oficial do Exército?

– Ora, *é claro*... a maior parte dos oficiais de alta patente nunca vai para a guerra. São homens de sociedade, muito elegantes e, se concordam em ficar na reserva, recebendo parte do soldo, não têm quase obrigação nenhuma a cumprir e não ficam com o regimento. Era o caso do capitão Phelan, até ele ser convocado para servir no exterior. – Prudence deu de ombros. – Penso que as guerras sempre acontecem em momentos inconvenientes. Graças aos céus que o capitão Phelan logo retornará a Hampshire.

– É mesmo? Como sabe?

– Meus pais dizem que a guerra vai acabar antes do Natal.

– Também ouvi dizer isso. No entanto me pergunto se não estamos subestimando demais a capacidade dos russos e superestimando a nossa.

– Que falta de patriotismo! – exclamou Prudence, com um brilho malicioso nos olhos.

– Patriotismo não tem nada a ver com o fato de o Departamento de Guerra, em seu afã, não ter feito praticamente nenhum planejamento antes de mandar trinta mil homens para a Crimeia. Não temos conhecimento sufuciente do território nem uma estratégia segura para conquistá-lo.

– Como sabe tanto sobre esse assunto?

– Pelo *Times*. Todo dia tem uma reportagem sobre isso. Você não lê jornal?

– Não a seção de política. Meus pais dizem que não é de bom-tom uma moça se interessar por essas coisas.

– Minha família discute política toda noite na hora do jantar, e minhas irmãs e eu participamos da conversa. – Beatrix fez uma pausa proposital, antes de acrescentar com um sorriso travesso: – Até damos nossa *opinião*.

Prudence arregalou os olhos.

– Meu Deus! Ora, eu não deveria ficar surpresa. Todos sabem que a sua família é... diferente.

"Diferente" era um adjetivo muito mais gentil do que os que costumavam ser usados para descrever os Hathaways. A família era composta por cinco irmãos – o mais velho era Leo, seguido por Amelia, Winnifred, Poppy e Beatrix. Após a morte dos pais, os irmãos Hathaways passaram por uma surpreendente mudança de sorte. Embora houvessem nascido sem qualquer título de nobreza, tinham um parentesco distante com um ramo aristocrático da família. Graças a uma série de acontecimentos inesperados, Leo herdara um título de visconde para o qual nem ele nem as irmãs estavam remotamente preparados. A família, então, havia se mudado do pequeno vilarejo de Primrose Place para a propriedade de Ramsay, ao sul do condado de Hampshire.

Depois de seis anos, os Hathaways haviam aprendido apenas o necessário para se adequar à sociedade local. No entanto, nenhum deles passara a pensar como um nobre ou adquirira valores e maneirismos aristocráticos. Os irmãos tinham fortuna, mas isso nem de longe se comparava a ter berço e boas relações. E, enquanto os membros de uma família em circunstâncias semelhantes talvez se esforçassem para melhorar sua situação casando com pessoas de nível social mais alto, os Hathaways, até aquele momento, haviam escolhido casar por amor.

Quanto a Beatrix, havia dúvidas se ela chegaria a se casar. Era uma moça não de todo civilizada que passava a maior parte do tempo ao ar livre, cavalgando ou passeando pelos bosques, pântanos e prados de Hampshire. Preferia a companhia dos animais à das pessoas e tinha o hábito de recolher criaturas órfãs e feridas que necessitavam de cuidados. As que não conseguiam sobreviver sozinhas na natureza eram mantidas como animais

de estimação, sob a proteção de Beatrix. Ao ar livre, ela se sentia feliz e realizada. Dentro de casa, a vida não era tão perfeita.

Beatrix se via dominada por uma sensação irritante de insatisfação, uma ansiedade cada vez mais frequente. O problema era que nunca conhecera um homem que parecesse certo para ela. Sem dúvida não seria um dos espécimes pálidos e excessivamente educados das salas de visitas que ela frequentava em Londres. E embora os rapazes mais vigorosos do campo fossem atraentes, nenhum deles tinha o *algo mais* inexplicável por que a jovem ansiava. Ela sonhava com alguém cuja determinação se comparasse à dela. Queria ser amada com paixão... ser desafiada... surpreendida.

Beatrix olhou para a carta dobrada em suas mãos.

Não que desgostasse de Christopher Phelan, mas reconhecia que ele era o oposto dela. Sofisticado e bem-nascido, Phelan conseguia transitar com facilidade no ambiente civilizado que parecia tão estranho a Beatrix. Era o segundo filho de uma próspera família local. O avô materno era conde, e a família do pai se destacava pela expressiva fortuna em navios.

Embora os Phelans não estivessem na linha de sucessão para nenhum título de nobreza, o filho mais velho da família, John, herdaria a propriedade de Riverton, em Warwickshire, após a morte do conde. John era um homem sério e ponderado, devotado à esposa, Audrey.

Mas seu irmão mais novo, Christopher, era completamente diferente. Como costumava acontecer com frequência com os segundos filhos, aos 22 anos ele comprara uma patente de oficial do Exército. Começara como *cornet*, primeira patente de oficial do regimento de cavalaria. Era o posto perfeito para um sujeito de aparência tão exuberante, já que sua principal responsabilidade era carregar a bandeira com as cores da cavalaria durante as paradas militares e os treinos. Christopher também era muito popular entre as damas de Londres, aonde costumava ir com frequência, sem a devida licença, para passar o tempo dançando, bebendo, jogando, comprando roupas elegantes e se permitindo escandalosos casos de amor.

Beatrix encontrara Christopher Phelan em duas ocasiões. A primeira fora num baile local, e ela o considerara o homem mais arrogante de Hampshire. Depois, num piquenique, a jovem se vira obrigada a rever sua opinião: Christopher Phelan era, na verdade, o homem mais arrogante do mundo.

– Aquela garota Hathaway é uma criatura estranha. – Beatrix o ouvira dizer a um amigo.

– Eu a considero encantadora e original – protestara o outro. – E sabe conversar sobre cavalos muito melhor do que qualquer outra mulher que já conheci.

– Com certeza – foi a réplica seca de Phelan. – Ela é mais adequada aos estábulos do que aos salões.

Dali em diante, Beatrix o evitara sempre que possível. Não que se importasse com a comparação velada a um cavalo, já que se tratava de um animal encantador, de espírito nobre e generoso. E ela sabia que, embora não fosse uma grande beldade, tinha lá seus encantos. Mais de um homem já fizera comentários favoráveis a seus cabelos castanhos e olhos azuis.

No entanto, esses atrativos moderados não eram nada se comparados ao esplendor dourado de Christopher Phelan. O rapaz era louro como Lancelote. Ou Gabriel. Talvez como Lúcifer, se fosse mesmo verdade que este já fora o mais belo anjo do paraíso. Phelan era alto, tinha olhos cinzentos como a prata e cabelos da cor do trigo no inverno quando tocado pelo sol. Exibia um físico vigoroso, com ombros retos e fortes e quadris estreitos. Mesmo movendo-se com uma graça indolente, havia uma força inegável nele, uma característica egoísta, predadora.

Recentemente, Phelan fora um dos poucos selecionados de vários regimentos para ingressar na Brigada de Rifles. Os "Rifles", como eles se autointitulavam, eram uma categoria incomum de soldados, treinados para ter iniciativa. Eram encorajados a assumir posições à frente de suas próprias linhas de combate e a mirar em oficiais e cavalos que costumavam estar além da linha de fogo. Graças ao seu talento singular como atirador, Phelan fora promovido a capitão da Brigada de Rifles.

Beatrix achara divertido pensar que a honraria provavelmente não agradara nada a Phelan. Sobretudo porque ele fora obrigado a trocar o lindo uniforme do regimento dos hussardos, com o casaco negro e abundantes adornos dourados, por outro bem mais simples, verde-escuro.

– Pode ler – disse Prudence, sentada diante da penteadeira. – Preciso retocar o penteado antes de sairmos para a nossa caminhada.

– Seu cabelo está lindo – retrucou Beatrix, incapaz de encontrar algum defeito nas tranças louras da amiga, presas num penteado elaborado. – E é só uma caminhada até a cidade. Ninguém lá vai perceber, ou se importar, se o seu penteado não estiver perfeito.

– *Eu* vou me importar. Nunca se sabe quem podemos encontrar.

Habituada aos cuidados incessantes da amiga com a própria aparência, Beatrix sorriu e balançou a cabeça.

– Tudo bem. Se você tem certeza de que não se importa de eu ver a carta do capitão Phelan, vou ler apenas a parte sobre o cachorro.

– Vai dormir muito antes de chegar ao cachorro – comentou Prudence, enfiando um grampo na trança com habilidade.

Beatrix correu os olhos pelas linhas rabiscadas no papel. As palavras pareciam apertadas, como molas tensionando letras prestes a pular da página.

Cara Prudence,

Estou sentado nesta barraca empoeirada, tentando pensar em algo eloquente para escrever. Mas encontro-me num beco sem saída. Você merece lindas palavras, mas tudo o que me resta são estas: penso em você constantemente. Imagino esta carta em suas mãos e o aroma do perfume em seu pulso. Quero silêncio e ar puro, e uma cama com um travesseiro branco e macio...

Beatrix sentiu as sobrancelhas se erguerem, e uma rápida onda de calor se espalhou por sua pele, sob a gola alta do vestido que usava. Ela fez uma pausa e voltou-se para Prudence.

– Você achou isso entediante? – perguntou num tom contido, o rubor espalhando-se por seu rosto como vinho derramado sobre a toalha de mesa.

– O começo é a única parte boa – respondeu Prudence. – Continue.

... Dois dias atrás, em nossa marcha pela costa, em direção a Sebastopol, enfrentamos os russos no rio Alma. Disseram-me que foi uma vitória do nosso lado. Não me pareceu. Perdemos pelo menos dois terços dos oficiais do regimento e um quarto dos que não eram oficiais. Ontem, cavamos sepulturas. Fizeram a última contagem dos mortos e atualizaram a lista de baixas. São 360 britânicos mortos até agora... e o número continua a aumentar, à medida que mais soldados sucumbem aos ferimentos.

Um dos que caíram, o capitão Brighton, trouxe um terrier de pelo duro, chamado Albert, que com certeza é o cão mais malcriado que já existiu. Depois que Brighton foi enterrado, o animal se sentou ao lado da sepultura e ganiu horas a fio, tentando morder qualquer um que se

aproximasse. Cometi o erro de oferecer a ele um pedaço de biscoito e agora a criatura ignorante me segue por toda parte. Neste momento o cachorro está sentado na minha barraca, me encarando com olhos ensandecidos. Raramente para de ganir e, sempre que chego perto, tenta cravar os dentes no meu braço. Tenho vontade de dar um tiro nele, mas estou cansado de matar.

Famílias estão de luto pelas vidas que tirei. Filhos, irmãos, pais. Já consegui um lugar no inferno pelas coisas que fiz, e a guerra mal começou. Estou mudando, e não é para melhor. O homem que conheceu se foi para sempre e temo que você não vá gostar nem um pouco daquele que ficou em seu lugar.

O cheiro da morte, Pru... está por toda parte.

O campo de batalha está cheio de corpos mutilados, de roupas, de solados de botas. Imagine uma explosão capaz de arrancar as solas dos seus sapatos. Dizem que, depois de uma batalha, as flores silvestres são mais abundantes na estação seguinte – o solo está tão revolvido e arrebentado que as novas sementes têm mais espaço para criar raízes. Quero me lamentar e sofrer, mas não há espaço para isso. Nem tempo. Tenho que deixar meus sentimentos de lado, em um canto qualquer.

Ainda há um lugar tranquilo no mundo? Por favor, escreva para mim. Conte-me um pouco sobre os seus bordados ou fale de sua música favorita. Está chovendo em Stony Cross? As folhas já começaram a mudar de cor?

Seu,

Christopher Phelan

Quando Beatrix terminou de ler, se deu conta de uma sensação peculiar, uma compaixão surpreendente comprimindo seu coração.

Não parecia possível que uma carta como aquela pudesse ter vindo do arrogante Christopher Phelan. Ela não esperava por isso. Havia uma vulnerabilidade nas palavras dele, uma ânsia contida que a comovera.

– Você tem que escrever para ele, Pru – disse Beatrix, dobrando as folhas com mais cuidado do que havia tido ao abri-las.

– Não farei isso. Ele se sentiria encorajado a continuar se lamentando. Ficarei em silêncio, e assim talvez o capitão Phelan se anime a escrever sobre coisas mais alegres na próxima vez.

Beatrix franziu a testa.

– Como você sabe, não sou exatamente uma fã do capitão Phelan, mas essa carta... ele merece a sua simpatia, Pru. Escreva-lhe apenas algumas linhas. Umas poucas palavras de conforto. Não demoraria nada. E quanto ao cachorro, tenho alguns conselhos...

– Não vou escrever nada sobre o maldito cachorro. – Prudence deixou escapar um suspiro de impaciência. – Escreva você para ele.

– *Eu?* O capitão Phelan não quer receber notícias minhas. Ele me acha estranha.

– Nem imagino por quê... Só porque você levou Medusa ao piquenique...

– Ela é um ouriço muito bem-comportado – retrucou Beatrix, na defensiva.

– O cavalheiro que teve a mão espetada pareceu não pensar assim.

– Isso só aconteceu porque ele tentou pegá-la do jeito errado. Quando se pega um ouriço...

– Não precisa me explicar, nunca vou segurar um bicho desses. Quanto ao capitão Phelan... se ficou tão sensibilizada com a carta, responda a ele e assine em meu nome.

– Ele não irá perceber que a letra é diferente?

– Não, porque ainda não escrevi para ele.

– Mas o capitão Phelan não é meu pretendente – protestou Beatrix. – Não sei nada sobre ele.

– Na verdade, você sabe tanto quanto eu. Conhece a família dele e é muito próxima de sua cunhada. E eu também não diria que o capitão Phelan seja meu pretendente. Ao menos não o único. Com certeza não prometerei me casar com ele até que volte da guerra com todos os membros no lugar. Não quero ter que empurrar meu marido para cima e para baixo numa cadeira de rodas pelo resto da vida.

– Pru, você tem a profundidade de uma poça d'água.

Prudence sorriu.

– Ao menos sou honesta.

Beatrix encarou-a com uma expressão desconfiada.

– Está mesmo delegando a uma amiga a tarefa de escrever uma carta de amor em seu nome?

Prudence acenou com a mão, num gesto displicente.

– Não uma carta de amor. Não há amor algum na carta que o capitão Phelan me enviou. Escreva apenas palavras alegres e encorajadoras.

Beatrix guardou a carta no bolso do vestido que usava para caminhar. Enquanto isso, dizia a si mesma que as coisas nunca terminam bem quando se pratica uma ação moralmente questionável, mesmo que pelas razões certas. Por outro lado... não conseguia afastar da mente a imagem que evocara de um soldado exausto rabiscando uma carta apressada na privacidade de sua barraca, as mãos cheias de bolhas por cavar sepulturas para os companheiros. E um cão tristonho ganindo num canto.

Beatrix se sentia inteiramente inadequada para a tarefa de escrever para o capitão Phelan. E suspeitava que Prudence pensava da mesma forma.

Tentou imaginar como seria para Christopher deixar sua vida elegante para trás e se descobrir num mundo em que a morte o ameaçava dia após dia. Minuto a minuto. Era impossível imaginar um homem belo e mimado como Christopher Phelan enfrentando perigos e privações. Fome. Solidão.

Beatrix encarou a amiga com uma expressão pensativa, os olhares de ambas se encontrando no espelho.

– Qual *é* a sua música preferida, Pru?

– Na verdade, não tenho uma. Diga a sua música preferida a ele.

– Não deveríamos discutir essa questão com Audrey? – perguntou Beatrix, referindo-se à cunhada de Phelan.

– Claro que não. Audrey tem um problema com honestidade. Ela não mandaria a carta se soubesse que não fui eu que escrevi.

Beatrix deixou escapar um som que podia ser tanto uma gargalhada quanto um gemido.

– Eu não chamaria isso de um *problema* com honestidade. Ah, Pru, por favor, mude de ideia e escreva para ele! Seria tão mais fácil...

Mas Prudence, quando pressionada a fazer alguma coisa, normalmente se tornava intransigente, e aquela situação não era uma exceção.

– Mais fácil para todo mundo, menos para mim – respondeu com sarcasmo. – Estou certa de que não saberia responder a uma carta como essa. Ele provavelmente até já esqueceu que a enviou. – Prudence voltou a atenção para o espelho e aplicou um toque de bálsamo de pétalas de rosa nos lábios.

Como era bonita, com o rosto em formato de coração, as sobrancelhas finas e delicadamente arqueadas encimando os olhos verdes e redondos... Mas o espelho refletia muito pouco da pessoa que havia por trás daquelas feições. Era impossível imaginar o que ela de fato sentia por Christopher Phelan. Havia apenas uma certeza: era melhor escrever de volta, por mais

inepta que fosse a resposta, do que não mandar carta alguma. Porque às vezes o silêncio é capaz de ferir alguém tão gravemente quanto uma bala.

~

Na privacidade de seu quarto na Ramsay House, Beatrix sentou-se diante da escrivaninha e mergulhou a pena na tinta azul-escura. Num dos cantos da mesa, um gato cinza de três pernas, chamado Lucky, observava-a com atenção. Medusa, o ouriço-fêmea de Beatrix, estava do outro lado do móvel. Lucky, uma criatura naturalmente sensata, nunca incomodava o pequeno ouriço.

Depois de checar o remetente na carta de Phelan, Beatrix escreveu:

Capitão Christopher Phelan
1º Batalhão da Brigada de Rifles
Acampamento da 2ª Divisão, Crimeia

17 de outubro de 1854

Ela fez uma pausa e esticou a mão para acariciar com a ponta dos dedos a pata dianteira que restara de Lucky.

– Como Pru começaria uma carta? – Beatrix se perguntou em voz alta. – Ela o chamaria de caro? De caríssimo? – E franziu o nariz diante da ideia.

Escrever cartas com certeza não era um dos principais talentos de Beatrix. Embora viesse de uma família bastante eloquente, sempre valorizara mais o instinto e a ação do que as palavras. Na verdade, Beatrix conseguia saber muito mais sobre uma pessoa durante uma curta caminhada ao ar livre do que se permanecesse sentada por horas conversando com ela.

Depois de ponderar várias possibilidades de assuntos que alguém poderia abordar com um completo estranho, enquanto se fazia passar por outra pessoa, Beatrix finalmente desistiu.

– Que seja, vou escrever do jeito que me agradar. Ele provavelmente vai estar exausto demais por causa da batalha para perceber que a carta não tem o estilo de Pru.

Lucky acomodou o queixo sobre a pata e semicerrou os olhos, deixando escapar um ronronar que lembrou um suspiro.

Beatrix começou a escrever.

Caro Christopher,

Tenho lido os artigos sobre a batalha de Alma. De acordo com o que escreveu o Sr. Russel, do Times*, a sua e mais duas outras Brigadas de Rifles se adiantaram à Guarda Coldstream e abateram vários oficiais, desorganizando assim a formação inimiga. O Sr. Russel também destacou em seu texto, admirado, que os Rifles jamais recuam ou sequer abaixam a cabeça quando estão sob fogo cruzado.*

Apesar de compartilhar da admiração do Sr. Russel, caro capitão, gostaria de deixar claro que, em minha opinião, não seria demérito algum à sua coragem se abaixasse a cabeça quando estivesse sob a mira de tiros. Abaixe-se, afaste-se para o lado, esquive-se ou, de preferência, esconda-se atrás de uma rocha. Prometo que não o admirarei menos por isso.

Albert está com você? Ainda morde? De acordo com minha amiga Beatrix (a que leva ouriços a piqueniques), o cão está agitado demais e assustado. Como, em seu íntimo, cachorros são lobos e precisam de um líder, você deve estabelecer uma relação de domínio sobre ele. Sempre que o animal tentar mordê-lo, segure o focinho dele, aperte de leve e diga "não" com uma voz firme.

Minha música preferida é "Over the Hills and Far Away". Choveu em Hampshire ontem, uma chuva leve de outono que mal conseguiu derrubar algumas folhas. As dálias não estão mais florindo e a geada fez murchar os crisântemos, mas o ar está com um perfume divino, de folhas antigas, troncos úmidos e maçãs maduras. Já percebeu que cada mês tem seu próprio aroma? Para mim, maio e outubro são os de melhor perfume.

Você perguntou se há algum lugar tranquilo no mundo e lamento dizer que esse lugar não é Stony Cross. Há poucos dias, o jumento do Sr. Mawdsley escapou da baia, desceu correndo pela estrada e, de algum modo, acabou conseguindo entrar em um pasto fechado. A égua premiada do Sr. Caird estava pastando inocentemente quando o sedutor mal-educado a atacou. Agora, parece que a égua está prenha e há uma contenda entre Caird, que exige compensação financeira pelo ocorrido, e Mawdsley, que insiste que se a cerca do pasto estivesse em melhor estado o encontro clandestino não teria ocorrido. Pior ainda, ele sugeriu que a égua é uma sirigaita que não tentou preservar sua virtude com o empenho necessário.

Acha mesmo que tem um lugar no inferno?... Não acredito em inferno, ao menos não na vida após a morte. Acho que o inferno é criado pelo homem, aqui mesmo na Terra.

Você disse que o cavalheiro que conheci não é mais o mesmo. Como eu gostaria de lhe oferecer mais conforto do que apenas lhe dizer que, não importa quão mudado esteja, você será bem-vindo ao retornar. Faça o que for preciso. Se isto lhe ajudar a enfrentar o que tem pela frente, coloque suas emoções de lado por enquanto e tranque a porta. Talvez, um dia, possamos abrir juntos essa porta para as suas emoções.

Com carinho,
Prudence

Beatrix jamais enganara alguém de propósito. E teria se sentido muito mais confortável se pudesse ter escrito para Phelan como ela mesma. Mas ainda se lembrava dos comentários pejorativos que ele certa vez fizera a seu respeito. O capitão Phelan não iria querer uma correspondência da "estranha Beatrix Hathaway". Ele pedira uma carta à linda Prudence Mercer dos cabelos dourados. E, afinal, receber uma resposta escrita com base em uma mentira não era melhor do que não receber nada? Um homem na situação de Christopher precisava de todas as palavras de encorajamento que alguém pudesse oferecer.

Precisava saber que alguém se importava.

E, por algum motivo, depois de ler o que Christopher Phelan escrevera, Beatrix descobriu que realmente se importava.

CAPÍTULO 2

A lua da colheita trouxe um tempo seco e claro e os colonos e trabalhadores tiveram a safra mais abundante de que se lembravam. Como todos na propriedade, Beatrix estava ocupada com a colheita e com a festa comemorativa da fartura. Os gramados da Ramsay House foram palco de uma refeição substanciosa ao ar livre e de um baile. O evento contou com

a presença de mais de mil convidados, entre eles arrendatários de terras, empregados e moradores da cidade.

Para a decepção de Beatrix, Audrey Phelan não pudera comparecer às festividades, pois seu marido, John, fora tomado de uma tosse persistente. Audrey ficara em casa para cuidar dele.

"O médico nos deixou alguns remédios que já fizeram com que John melhorasse bastante", escrevera Audrey, "mas também alertou que é muito importante que ele fique de cama para que se recupere por completo."

Perto do fim de novembro, Beatrix caminhou até a casa dos Phelans, pegando uma estrada que atravessava um bosque cheio de carvalhos retorcidos e faias de copas largas. As árvores de troncos escuros pareciam mergulhadas em açúcar. Conforme abria caminho por entre as camadas de nuvens, a luz do sol projetava reflexos brilhantes sobre a geada branca. As solas de seus sapatos resistentes quebravam a mistura congelada de musgo e folhas secas que cobria o solo.

A jovem se aproximou da casa, uma construção ampla, coberta de hera, que assentava em meio a dez acres de floresta e já fora um pavilhão real de caça. Quando chegou à encantadora trilha pavimentada que levava à casa, deu a volta pela lateral e seguiu em direção à fachada da frente.

– Beatrix.

Ela ouviu a voz tranquila e se virou para ver Audrey Phelan sentada sozinha num banco de pedra.

– Ah, olá! – cumprimentou, animada. – Não a vejo há dias, por isso pensei em... – Então se calou ao chegar mais perto da amiga.

Audrey estava usando um vestido simples do dia a dia, o tecido cinza se confundindo com o bosque atrás dela. E estava tão silenciosa e quieta que Beatrix não a notara.

As duas eram amigas havia três anos, desde que Audrey se casara com John e se mudara para Stony Cross. Há um certo tipo de amigo que só se visita quando não se tem problema algum – essa era Prudence. Mas há outro tipo de amigo que se visita em momentos de dificuldade ou necessidade – essa era Audrey.

Beatrix franziu a testa ao ver que a amiga não mostrava a cor saudável que lhe era característica e que seus olhos e seu nariz estavam vermelhos e inchados.

– Não está usando uma capa, ou um xale – comentou Beatrix, preocupada.

– Estou bem – murmurou Audrey, mas seus ombros tremiam.

Ela balançou a cabeça e fez um gesto de recusa quando Beatrix começou a despir a pesada capa de lã que usava e passou-a ao redor de seu corpo esguio.

– Não, Bea, não...

– Estou quente por causa da caminhada – insistiu Beatrix.

Ela se sentou ao lado da amiga, no banco de pedra gelado. Um momento se passou sem que nenhuma das duas dissesse nada, e o único som era da respiração entrecortada de Audrey. Algo estava muito errado. Beatrix se obrigou a esperar, com paciência forçada, sentindo o coração apertado.

– Audrey – disse por fim –, aconteceu alguma coisa com o capitão Phelan?

Audrey encarou a amiga com um olhar confuso, como se estivesse tentando decifrar uma língua estrangeira.

– Capitão Phelan – repetiu baixinho e balançou de leve a cabeça. – Não. Até onde sabemos, Christopher está bem. Na verdade, ontem mesmo chegou um maço de cartas dele. Uma delas é para Prudence.

Beatrix quase desmaiou de alívio.

– Levarei a carta para ela, se você quiser – ofereceu-se, tentando parecer discreta.

– Sim, seria de grande ajuda. – Audrey torcia os dedos no colo, entrelaçando-os e desentrelaçando-os.

Beatrix estendeu a mão lentamente e pousou-a sobre a da amiga.

– A tosse do seu marido piorou?

– O médico esteve aqui há pouco. – Audrey respirou fundo e continuou em um tom perplexo: – John está com tuberculose.

Beatrix apertou a mão da amiga com mais força.

As duas ficaram em silêncio, enquanto um vento frio sacudia as árvores.

Era difícil aceitar a enormidade daquela injustiça. John Phelan era um homem decente, sempre o primeiro a aparecer quando sabia que alguém precisava de ajuda. Ele pagara pelo tratamento médico da esposa de um dos aldeões porque o casal não tinha como arcar com as despesas, colocara o piano da casa à disposição para que as crianças da propriedade tivessem aulas e investira na reconstrução de uma loja que vendia tortas em Stony Cross e que fora quase completamente destruída por um incêndio. John fizera tudo isso com total discrição, parecia quase envergonhado ao ser

pego praticando uma boa ação. Por que alguém como ele tinha que sofrer um golpe desses?

– Não é uma sentença de morte – Beatrix falou por fim. – Algumas pessoas sobrevivem à doença.

– Uma em cinco – concordou Audrey, num tom de voz desanimado.

– Seu marido é jovem e forte. E *alguém* tem que ser o um de cinco. Será John.

Audrey assentiu, mas não respondeu.

Ambas sabiam que tuberculose era uma doença particularmente virulenta, que devastava os pulmões, causava uma drástica perda de peso e muita fadiga. E o pior de tudo era a tosse característica, que se tornava cada vez mais persistente, com sangue, até os pulmões ficarem cheios demais para o enfermo conseguir respirar.

– Meu cunhado, Cam, sabe muito sobre ervas e medicamentos – disse Beatrix. – A avó dele era uma curandeira de sua tribo.

– Um curandeiro cigano? – perguntou Audrey num tom desconfiado.

– Você tem que tentar de tudo – insistiu Beatrix. – Até os curandeiros ciganos. Eles vivem na natureza e sabem tudo sobre seu poder de cura. Vou pedir a Cam que prepare um tônico para os pulmões do Sr. Phelan, e...

– John provavelmente não vai tomar – disse Audrey. – E a mãe dele vai se opor. Os Phelans são muito convencionais. Se o remédio não vier num frasco saído da valise de um médico, ou não for comprado no boticário, eles não vão concordar.

– Vou trazer algo preparado por Cam assim mesmo.

Audrey inclinou a cabeça para o lado até apoiá-la suavemente no ombro de Beatrix.

– É uma boa amiga, Bea. Vou precisar de você nos próximos meses.

– Para o que quiser – respondeu Beatrix com simplicidade.

Outra brisa soprou ao redor delas, e o frio entrou pelas mangas do vestido de Beatrix. Audrey procurou se recuperar da névoa de infelicidade que a dominava, levantou-se e devolveu a capa à amiga.

– Vamos entrar. Vou buscar a carta para você entregar a Pru.

A casa era quente e aconchegante, com cômodos amplos, teto de madeira e janelas envidraçadas que deixavam as cores claras do inverno entrar. Parecia que todas as lareiras estavam acesas, e o calor era agrada-

velmente distribuído pelos cômodos bem-arrumados. Tudo ali era suave, de bom gosto, e a mobília majestosa já chegara a uma idade confortavelmente venerável.

Uma criada de aparência dócil apareceu para pegar a capa de Beatrix.

– Onde está sua sogra? – perguntou ela, seguindo Audrey na direção da escada.

– Foi repousar no quarto. A notícia foi particularmente difícil para ela. – Audrey fez uma breve pausa. – John sempre foi seu favorito.

Beatrix sabia bem disso, assim como quase todos em Stony Cross. A Sra. Phelan adorava os dois filhos, os únicos que haviam lhe restado depois de ter perdido outros dois meninos na infância e uma menina natimorta. Mas fora em John que a velha senhora investira todo o seu orgulho e ambição. Infelizmente nenhuma mulher jamais seria boa o bastante aos olhos da mãe de John. Audrey fora obrigada a suportar muitas críticas durante os três anos do seu casamento, principalmente por não ter conseguido conceber um filho.

Beatrix e Audrey subiram a escada, passando por fileiras de retratos de família em pesadas molduras douradas. A maior parte das fotos era dos Beauchamps, o lado aristocrático da família. Era impossível não perceber, ao longo de todas as gerações representadas ali, que dos Beauchamps eram extraordinariamente belos, com nariz afilado, olhos brilhantes e cabelos cheios.

Quando chegaram ao topo da escada, ouviram uma tosse abafada que vinha de um quarto no fim do corredor. Beatrix se encolheu.

– Bea, se incomodaria de esperar um instante? – perguntou Audrey, angustiada. – Preciso ver John... está na hora do remédio dele.

– Sim, é claro.

– O quarto de Christopher, onde ele fica quando vem visitar, é bem ali. Deixei a carta sobre a cômoda.

– Vou pegá-la.

Audrey foi ver o marido, e Beatrix entrou cautelosamente no quarto de Christopher, não sem antes espiar do batente da porta.

O cômodo estava na penumbra. Beatrix abriu uma das pesadas cortinas, deixando a luz do sol iluminar o chão acarpetado num triângulo ensolarado. A carta estava sobre a cômoda. Beatrix pegou-a ansiosamente, os dedos coçando para romper o lacre.

Mas a correspondência estava endereçada a Prudence, ela repreendeu a si mesma.

Com um suspiro de impaciência, Beatrix guardou o envelope lacrado no bolso do vestido e se demorou um pouco mais diante da cômoda, observando os artigos de higiene arrumados com elegância sobre uma bandeja de madeira.

Um pincel de barbear com punho de prata... uma navalha dobrável... um pote para sabão vazio... uma caixa de porcelana com tampa de prata. Incapaz de resistir à tentação, Beatrix levantou a tampa e espiou o que havia lá dentro. Encontrou três pares de abotoaduras – duas de prata e uma de ouro –, uma corrente de relógio e um botão de bronze. Tornou a fechar a caixa, pegou o pincel de barbear e tocou o rosto com ele. As cerdas eram sedosas e macias. O movimento das fibras suaves fez com que um aroma agradável se desprendesse do pincel. Um perfume intenso de espuma de barbear.

Beatrix levou o pincel até mais perto do nariz e inalou o aroma... intenso, másculo... cedro, lavanda, folhas de louro. Imaginou Christopher espalhando a espuma pelo rosto, esticando a boca para um dos lados, fazendo todas aquelas contorções faciais masculinas que já vira o pai e o irmão fazerem quando se barbeavam.

– Beatrix?

Sentindo-se culpada, pôs o pincel de lado e saiu para o corredor.

– Encontrei a carta – disse Beatrix. – E abri as cortinas... Vou fechá-las novamente e...

– Ah, não se preocupe com isso, deixe a luz entrar. Detesto cômodos escuros. – O sorriso no rosto de Audrey era tenso. – John tomou o remédio – acrescentou. – Faz com que fique sonolento. Enquanto ele descansa, vou conversar com a cozinheira. John acha que talvez consiga comer um pouco de morcela branca.

As duas desceram a escada juntas.

– Obrigada por levar a carta para Prudence – disse Audrey.

– É muito gentil da sua parte intermediar a correspondência entre eles.

– Ah, não é problema algum. Concordei pelo bem de Christopher. E admito que fico surpresa por Prudence gastar o tempo dela escrevendo para ele.

– Por que diz isso?

– Acho que ela não se importa nem um pouco com Christopher. Na verdade, alertei-o sobre Prudence antes de ele partir. Mas Christopher estava tão encantado pela aparência dela e por sua animação que conseguiu se convencer de que havia alguma coisa genuína entre os dois.

– Pensei que você gostasse de Prudence.

– Eu gosto. Ou pelo menos... estou tentando gostar. Por sua causa. – Audrey deu um sorriso irônico ao ver a expressão da amiga. – Resolvi ser mais como você, Bea.

– Como *eu*? Ah, eu não faria isso. Não notou como sou estranha?

O sorriso de Audrey ficou mais largo e, por um momento, ela voltou a parecer a jovem despreocupada que fora antes da doença de John.

– Você aceita as pessoas como elas são. Acho que as vê da mesma forma que vê seus animais... é paciente e observa seus hábitos e desejos, não as julga.

– Julguei seu cunhado com severidade – argumentou Beatrix, sentindo-se culpada.

– Mais pessoas deveriam ser severas com Christopher – comentou Audrey, ainda sorrindo. – Talvez melhorasse o caráter dele.

~

A carta fechada no bolso de Beatrix era um verdadeiro tormento. Ela voltou correndo para casa, selou um cavalo e cavalgou até a casa dos Mercer, uma construção refinada, com pequenas torres, pilares com detalhes intricados na varanda e janelas com vitrais.

Como acabara de acordar, depois de comparecer a um baile na véspera que só terminara às três da manhã, Prudence recebeu Beatrix vestindo uma camisola de veludo, enfeitada com renda branca.

– Ah, Bea, você deveria ter ido ao baile na noite passada! Havia tantos cavalheiros belos e jovens por lá, inclusive um destacamento da cavalaria que será mandado para a Crimeia em dois dias, e eles estavam tão esplêndidos em seus uniformes...

– Acabo de voltar de uma visita a Audrey – disse Beatrix, sem fôlego, entrando na saleta particular e fechando a porta. – O pobre Sr. Phelan está bastante adoentado, e... bem, lhe contarei mais a respeito em um minuto, mas... aqui está uma carta do capitão Phelan!

Prudence sorriu e pegou a carta.

– Obrigada, Bea. Agora, sobre os oficiais que conheci na noite passada... havia um tenente de cabelos escuros que me convidou para dançar, e ele...

– Não vai abrir a carta? – perguntou Beatrix, desalentada ao ver a amiga deixar a correspondência em uma mesa lateral.

Prudence sorriu, intrigada.

– Nossa, você está impaciente hoje. Quer que eu abra a carta neste instante?

– *Sim*.

Beatrix se acomodou em uma poltrona macia, forrada com um tecido florido.

– Mas quero lhe contar sobre o tenente.

– O tenente não me interessa. Quero saber do capitão Phelan.

Prudence deixou escapar uma gargalhada abafada.

– Não a vejo tão empolgada desde que roubou a raposa que lorde Campdon importou da França ano passado.

– Eu não roubei a raposa dele. Resgatei-a. Importar uma raposa para uma caçada... Não considero uma atitude nada esportiva. – Beatrix indicou a carta com um gesto. – Abra!

Prudence rompeu o lacre, deu uma rápida olhada na carta e balançou a cabeça com uma expressão de incredulidade divertida no rosto.

– Agora ele está escrevendo sobre jumentos...

Ela revirou os olhos e entregou a carta a Beatrix.

Senhorita Prudence Mercer
Stony Cross
Hampshire, Inglaterra

7 de novembro de 1854

Cara Prudence,

Apesar dos relatos que descrevem os soldados britânicos como inabaláveis, posso lhe assegurar que, quando estamos sob fogo cruzado, com certeza nos abaixamos, desviamos e corremos em busca de abrigo. Gra-

ças ao seu conselho, acrescentei ainda a possibilidade de me jogar para o lado e mergulhar no chão, com excelentes resultados. E para mim a velha fábula acabou desacreditada: há momentos na vida em que definitivamente queremos ser a lebre, não a tartaruga.

Lutamos ao sul, em Balaclava, no dia 25 de outubro. A Brigada Ligeira recebeu ordens de atacar diretamente uma bateria de atiradores russos sem nenhuma razão compreensível. Duzentos homens e quase quatrocentos cavalos foram perdidos em vinte minutos. Houve nova batalha no dia 5 de novembro, em Inkerman.

Fomos resgatar soldados caídos no campo de batalha antes que os russos os alcançassem. Albert saiu comigo sob uma chuva de balas e granadas e ajudou a identificar os feridos, para que pudéssemos tirá-los do alcance dos tiros. Meu amigo mais próximo no regimento foi morto.

Por favor, agradeça a sua amiga Beatrix pelo conselho sobre Albert. Ele está mordendo com menos frequência, e nunca avança em mim, embora tenha tentado morder algumas pessoas que vieram me visitar na barraca.

Maio e outubro são os meses de melhor aroma? Vou defender dezembro: pinheiros, neve, lenha queimando nas lareiras, canela. Quanto a sua música favorita... você está ciente de que "Over the Hills and Far Away" é a música oficial da Brigada de Rifles?

Parece que quase todos aqui foram vítimas de alguma doença, com exceção de mim. Não tenho sintomas de cólera, nem de nenhuma das outras enfermidades que estão varrendo as duas divisões. Sinto que deveria ao menos fingir estar com algum problema digestivo por uma questão de decência.

Em relação à briga por causa do jumento: por mais simpatia que eu tenha por Caird e sua égua virtuosa, sinto-me inclinado a ressaltar que o nascimento de um burro não chega a ser uma má notícia. Os burros têm o passo mais firme que o dos cavalos, costumam ser mais saudáveis e, melhor de tudo, têm orelhas muito expressivas. E não são excessivamente teimosos, desde que sejam bem guiados. Se está estranhando o meu aparente apego a esses animais, talvez eu deva explicar que, quando garoto, tive um burro de estimação chamado Heitor, batizado em homenagem ao personagem da *Ilíada*.

Não vou ousar pedir que espere por mim, Pru, mas lhe peço que me es-

creva novamente. Li sua última carta vezes sem conta. Por algum motivo, você é mais real para mim agora, a três mil quilômetros de distância, do que jamais foi.

Sempre seu,
Christopher

P.S. Incluo um desenho de Albert.

Enquanto lia, os sentimentos de Beatrix oscilavam entre a preocupação, a emoção e um encantamento que a tirava do sério.

– Deixe-me responder a ele e assinar em seu nome – pediu ela. – Mais uma carta. *Por favor*, Pru. Eu lhe mostrarei o escrito antes de enviá-lo.

Prudence caiu na gargalhada.

– Sinceramente, essa é a coisa mais tola que já vi... Ah, está bem, escreva de novo para ele, se é o que deseja.

Durante a meia hora seguinte, Beatrix se viu envolvida em uma conversa fútil sobre o baile, os convidados e as últimas fofocas de Londres. Ela guardou a carta de Christopher Phelan no bolso... e ficou paralisada ao sentir nas mãos um objeto estranho. Um punho metálico... e as cerdas sedosas de um pincel de barbear. Beatrix ficou pálida ao perceber que havia guardado no bolso, sem querer, o pincel de barbear que estava em cima da cômoda de Christopher.

Tinha um novo problema.

Apesar de tudo, ela conseguiu manter o sorriso no rosto e continuar a conversar calmamente com Prudence, mesmo sentindo-se alvoroçada por dentro.

Às vezes, quando estava muito ansiosa ou preocupada, Beatrix acabava pegando algum pequeno objeto de uma loja, ou da casa de alguém. Vinha fazendo isso desde a morte dos pais. Nem sempre se dava conta de que havia pegado alguma coisa, mas em alguns momentos a compulsão era tão irresistível que ela começava a transpirar e a tremer, até finalmente ceder e pegar o objeto.

Furtar coisas nunca havia sido um problema. Devolvê-las é que muitas vezes se mostrava uma dificuldade. Beatrix e a família sempre conseguiam restituir o que ela havia pegado. Mas, em certas ocasiões, isso exigira medidas extremas – como fazer visitas em horas inapropriadas do dia, ou inventar desculpas estranhas para aparecer na casa de alguém –, o que só servia para solidificar a reputação de excentricidade dos Hathaways.

Por sorte, não seria difícil devolver o pincel de barbear. Beatrix poderia fazer isso a próxima vez que visitasse Audrey.

– Acho que agora preciso me vestir – disse Prudence, por fim.

Beatrix aproveitou a deixa sem hesitar.

– Com certeza. Também preciso voltar para casa, tenho tarefas a cumprir. – Ela sorriu e acrescentou num tom despreocupado: – Uma delas é escrever outra carta.

– Não escreva nada muito estranho – disse Prudence. – Tenho uma reputação a zelar, você sabe.

CAPÍTULO 3

Capitão Christopher Phelan
1º Batalhão da Brigada de Rifles
Acampamento Home Ridge
Inkerman, Crimeia

3 de dezembro de 1854

Caro Christopher,

Esta manhã, li que mais de dois mil de nossos homens foram mortos em uma batalha recente. Disseram que um oficial dos Rifles foi ferido por uma baioneta. Não foi você, não é? Está ferido? Sinto tanto medo por você. E lamento muito a morte do seu amigo.

Estamos arrumando a casa para as festas de fim de ano, pendurando

raminhos de visco e de azevinho. Mando junto com a carta um cartão de Natal feito por um artista local. Note a cordinha com uma borla na parte de baixo – se puxá-la, o cavalheiro alegre à esquerda ira sorver sua taça de vinho ("sorver" é uma palavra tão estranha, não acha? Mas é uma das minhas favoritas).

Adoro as músicas natalinas. Adoro a mesmice das festas de fim de ano. Comer pudim de Natal, mesmo não gostando de pudim de Natal. Os rituais nos confortam, não acha?

Albert parece ser um cachorro simpático, talvez não tenha a aparência de um cavalheiro, mas percebe-se que há em seu íntimo um companheiro leal e dedicado.

Preocupo-me que algo possa ter acontecido a você. Espero que esteja a salvo. Acendo uma vela para você, na árvore, toda noite.

Responda-me assim que puder.

Com carinho,

Prudence

P.S. Compartilho de sua afeição por burros. São criaturas muito despretensiosas, que nunca se vangloriam de seus ancestrais. Por esse ponto de vista, seria bom que algumas pessoas fossem mais burras nesse sentido.

Senhorita Prudence Mercer
Stony Cross
Hampshire

1º de fevereiro de 1854

Cara Pru,

Lamento, mas realmente fui o oficial ferido pela baioneta. Como desconfiou? Aconteceu quando estávamos subindo uma montanha para tomar uma bateria de atiradores russos. Mas foi apenas um ferimento leve no ombro, com certeza não valia a pena que eu a avisasse do ocorrido.

Houve uma tempestade no dia 14 de novembro que arrasou com o acampamento e afundou barcos franceses e britânicos no porto. Mais

vidas perdidas e, infelizmente, a maior parte dos nossos equipamentos e suprimentos de inverno se foram. Acredito que essa seja o que pode se chamar uma luta difícil. Estou faminto. Na noite passada, sonhei com comida. Costumo sonhar com você, mas lamento dizer que nessa noite você foi eclipsada da minha mente por um cordeiro com molho de hortelã.

Faz um frio terrível. Agora estou dormindo com Albert. Somos uma dupla de companheiros de cama rabugentos, mas estamos dispostos a nos suportar mutuamente no esforço de afastar o frio da morte. Albert se tornou indispensável para o batalhão – ele leva mensagens sob o fogo cruzado e corre mais rápido do que qualquer homem conseguiria. Também é um excelente vigia e batedor.

Listo algumas coisas que aprendi com ele:

1. Qualquer comida é sua por direito até ser engolida por outra pessoa.
2. Tire um cochilo sempre que puder.
3. Não ladre a menos que seja importante.
4. Às vezes, é inevitável caçar o próprio rabo.

Espero que o seu Natal tenha sido esplêndido. Obrigado pelo cartão – ele chegou até mim no dia 24 de dezembro, e foi passado para todos no meu batalhão. A maior parte dos homens nunca tinha visto um cartão de Natal. Antes de ser finalmente devolvido a mim, o cavalheiro de papel preso à corda havia sorvido uma grande quantidade de vinho.

Também gosto da palavra "sorver". Na verdade, sempre gostei de palavras incomuns. Aqui vai uma para você: "ferrar", que significa colocar ferraduras em um cavalo. Ou "nidificar", fazer ninho. A égua do Sr. Caird já deu cria? Talvez eu peça ao meu irmão para fazer uma oferta. Nunca se sabe quando podemos precisar de um bom burro.

Caro Christopher,

Parece tão prosaico mandar uma carta por correio. Gostaria de encontrar um modo mais interessante... eu amarraria um pergaminho à perna de um pássaro, ou lhe mandaria a mensagem em uma garrafa. No entanto, por uma questão de eficiência, terei que me contentar com o Correio Real.

Acabei de ler no Times *que você esteve envolvido em mais atos heroicos. Por que se arrisca tanto? As obrigações rotineiras de um soldado já são perigosas o bastante. Tenha cuidado com sua segurança, Christopher – por mim, se não por você mesmo. Meu pedido é totalmente egoísta... não conseguiria suportar se suas cartas parassem de chegar.*

Estou tão distante, Pru. Estou parado do lado de fora da minha própria vida, olhando-a de longe. No meio de toda essa brutalidade, descobri o prazer simples de cuidar de um cão, de ler uma carta, de olhar para o céu estrelado. Esta noite, quase pensei ter visto uma antiga constelação chamada Argo, batizada em homenagem à nau de Jasão e seu grupo, que saiu em jornada para encontrar o Velocino de Ouro. Supostamente, só é possível ver a constelação de Argo da Austrália, mas ainda assim estou quase certo de que a vi de relance.

Imploro que esqueça o que escrevi antes: quero que espere por mim. Não se case com ninguém antes que eu volte para casa.

Espere por mim.

Caro Christopher,

Março tem o aroma de chuva, terra molhada, penas e hortelã. Toda manhã e toda tarde tomo chá com folhas frescas de hortelã, adoçado com mel. Tenho feito muitas caminhadas ultimamente. Parece que penso melhor ao ar livre.

Na noite passada, o céu estava límpido. Tentei encontrar Argo. Sou péssima em constelações. Nunca consigo avistar nenhuma, com exceção de Órion e seu cinturão. Mas quanto mais eu olhava para o céu, mais ele me lembrava o oceano, e foi então que vi toda uma esquadra de barcos feitos de estrelas. Uma flotilha estava ancorada à Lua, enquanto outras se afastavam. Imaginei que estávamos num desses barcos, navegando sob a luz do luar.

Na verdade, o oceano me deixa nervosa. É vasto demais. Prefiro as florestas ao redor de Stony Cross. São sempre fascinantes e cheias de milagres cotidianos... teias de aranha cintilando com a chuva, novas árvores crescendo a partir de troncos caídos de carvalhos. Gostaria que pudesse vê-los

comigo. E, juntos, ouviríamos o vento agitando as folhas sobre nossa cabeça, uma melodia adorável e relaxante... a música das árvores.

Estou sentada aqui, escrevendo para você, com os pés metidos em meias, esticados perto demais da lareira. Já queimei minhas meias uma vez e, em outra, tive que bater com os pés no chão, quando começou a sair fumaça delas. Mesmo depois disso, não consigo me livrar do hábito. Pronto, agora você já pode me encontrar em meio a uma multidão mesmo vendado. Basta seguir o cheiro de meias queimadas.

Mando junto com a carta uma pena de tordo que encontrei durante a minha caminhada, esta manhã. É para lhe dar sorte. Mantenha-a em seu bolso.

Neste exato momento, enquanto escrevo esta carta, tive a mais estranha sensação. Foi como se você estivesse na sala comigo. Como se minha pena houvesse se transformado em uma varinha mágica e eu houvesse invocado a sua presença. Se eu desejar com muita intensidade...

Caríssima Prudence,

A pena de tordo está no meu bolso. Como soube que eu precisava de um talismã para me proteger na batalha? Durante as duas últimas semanas, estive enfiado em uma trincheira, trocando tiros com os russos. Esta não é mais uma guerra de cavalaria, e sim de estratégia e de artilharia. Albert fica na trincheira comigo e só sai para levar mensagens ao longo da linha de fogo.

Durante as tréguas, tento me imaginar em algum outro lugar. Penso em você com os pés esticados perto da lareira, e seu hálito doce por causa do chá com hortelã. Vejo-me caminhando pelas florestas de Stony Cross ao seu lado. Adoraria contemplar alguns dos milagres cotidianos, mas acho que não seria capaz de encontrá-los sem você. Preciso de sua ajuda, Pru. Acho que você talvez seja a minha única chance de me tornar parte do mundo novamente.

Sinto como se tivesse mais lembranças suas do que tenho de fato. Só estive com você algumas poucas vezes. Um baile. Uma conversa. Um beijo. Gostaria de poder reviver esses momentos. Sei que os apreciaria mais. Apreciaria tudo mais. Na noite passada, sonhei com você outra vez. Não conseguia ver seu rosto, mas a sentia perto de mim. Você estava sussurrando.

A última vez que a abracei, não sabia quem você era realmente. Ou quem era eu, para falar a verdade. Nunca olhamos sob a superfície. Talvez tenha sido melhor assim – acho que não conseguiria tê-la deixado se sentisse por você o que sinto agora.

Vou lhe contar pelo que estou lutando. Não é pela Inglaterra, nem pelos aliados, nem por qualquer causa patriótica. Tudo isso é menos importante do que a minha esperança de voltar a estar com você.

Caro Christopher,

Você me fez perceber que palavras são o que há de mais importante no mundo. E nunca foram tão importantes como agora. No momento em que Audrey me entregou sua última carta, meu coração começou a bater mais rápido, e tive que correr para a minha casa secreta, a fim de lê-la com privacidade.

Ainda não havia lhe contado... na última primavera, durante uma caminhada, descobri o lugar mais estranho na floresta – uma torre solitária de tijolos e pedra, toda coberta de hera e musgo. Fica em uma área afastada na propriedade de Stony Cross que pertence a lorde Westcliff. Depois, quando perguntei sobre a torre a Lady Westcliff, ela disse que era costume nos tempos medievais manter uma casa secreta. O lorde da propriedade provavelmente a usava como alcova para a amante. Certa vez, foi ali que um ancestral dos Westcliffs se escondeu de seus empregados sedentos de sangue. Lady Westcliff disse que eu poderia visitar a casa secreta sempre que quisesse, já que ela foi abandonada há muito tempo. Vou lá com frequência. É meu esconderijo, meu refúgio... e agora que você sabe a respeito dela, é sua também.

Acabei de acender uma vela e colocá-la na janela. É uma minúscula estrela-guia, para você seguir de volta para casa.

Caríssima Prudence,

Em meio a todo o barulho, aos homens e à loucura, tento pensar em você na sua casa secreta... minha princesa na torre. E minha estrela-guia na janela.

As coisas que uma pessoa tem que fazer na guerra... Achei que tudo ficaria mais fácil com o passar do tempo. E lamento dizer que estava certo.

Temo pela minha alma. As coisas que fiz, Pru... As coisas que ainda terei de fazer... Se não espero que Deus me perdoe, por que pediria isso a você?

Caro Christopher,

O amor perdoa tudo. Você não precisa nem pedir.

Desde que me escreveu a respeito de Argo, venho lendo sobre as estrelas. Temos toneladas de livros sobre elas, já que este era um assunto de particular interesse do meu pai. Aristóteles ensinou que as estrelas são feitas de uma matéria diferente dos quatro elementos da terra – uma quintessência – que, por acaso, é também a mesma matéria de que é feita a psique humana. E é por isso que o espírito do homem se conecta com as estrelas. Talvez essa não seja uma visão muito científica, mas gosto da ideia de que a luz de uma pequena estrela brilha dentro de cada um de nós.

Meus pensamentos sobre você são como a minha constelação pessoal. Você está distante, meu caríssimo amigo, mas não mais distante do que essas estrelas gravadas em minha alma.

Cara Pru,

Estamos nos preparando para um longo cerco. Não sei quando terei chance de lhe escrever novamente. Esta não é a minha última carta, é apenas a última que escreverei por algum tempo. Não duvide de que voltarei para você algum dia.

Até poder tê-la em meus braços, essas palavras cansadas são o único modo de alcançá-la. Que pífia tradução de amor elas são... Palavras jamais poderiam fazer justiça a você ou capturar o que significa para mim.

Ainda assim... amo você. Juro pela luz das estrelas... não deixarei essa Terra até lhe dizer pessoalmente essas palavras.

Beatrix, que estava sentada sobre um enorme tronco de carvalho caído, nas profundezas da floresta, levantou os olhos do papel. Ela não percebeu que estava chorando até sentir o sopro da brisa contra o rosto molhado. Os músculos de sua face doíam, enquanto ela tentava se recompor.

Christopher lhe escrevera no dia 13 de junho, sem saber que ela mandara uma carta para ele no mesmo dia. Era impossível não encarar aquilo como um sinal.

Beatrix não experimentava uma sensação de perda tão profunda e amarga, um anseio tão angustiado, desde que os pais haviam morrido. Era um tipo diferente de sofrimento, é claro, mas tinha o mesmo sabor de desesperança.

O que eu fiz?

Ela, que sempre levara a própria vida com uma honestidade absoluta, engendrara uma farsa imperdoável. E a verdade só tornaria a situação ainda pior. Se Christopher Phelan algum dia descobrisse que ela escrevera para ele sob um falso pretexto, a desprezaria. E, se nunca descobrisse, Beatrix seria sempre "a garota mais adequada aos estábulos". Nada mais.

"Não duvide de que voltarei para você..."

Aquelas palavras haviam sido escritas para Beatrix, não importava que houvessem sido endereçadas a Prudence.

– Amo você – sussurrou Beatrix, as lágrimas correndo sem parar.

Como aqueles sentimentos haviam penetrado no coração dela? Santo Deus, mal conseguia se lembrar da aparência de Christopher Phelan e, ainda assim, seu coração estava se partindo por causa dele. E, pior de tudo, era possível que as declarações de Christopher houvessem sido fruto apenas dos tempos difíceis de guerra. Aquele Christopher que ela conhecia das cartas... o homem que ela amava... provavelmente desapareceria assim que ele voltasse para casa.

Nada de bom poderia resultar daquela situação. Precisava colocar um ponto final naquilo. Não podia mais fingir ser Prudence. Não era justo com nenhum deles, sobretudo com Christopher.

Beatrix caminhou lentamente de volta para casa. Quando entrou na Ramsay House, encontrou Amelia, que estava saindo com Rye, o filho pequeno.

– Aí está você! – exclamou Amelia. – Gostaria de ir até o estábulo conosco? Rye vai montar o pônei dele.

– Não, obrigada. – Beatrix sentia como se o sorriso que exibia houvesse sido colado em seu rosto.

Todos os membros da família eram rápidos em incluí-la na vida deles. Nesse ponto, eram todos extremamente generosos. E, mesmo assim, ela se sentia relegada, cada vez mais, e de forma inexorável, ao papel de tia solteirona.

Beatrix sentia-se solitária e excêntrica. Uma desajustada, como os animais de que cuidava.

Sua mente deu um salto incoerente, tentando se lembrar de todos os homens que conhecera em bailes, jantares e recepções. Sempre atraíra a atenção masculina. Talvez devesse encorajar um desses homens, simplesmente escolher um candidato adequado para um compromisso e terminar com essa história. Talvez valesse a pena casar com um homem que não amasse, se esse fosse o preço a pagar para ter a própria vida.

Mas isso seria outra forma de infelicidade.

Os dedos dela deslizaram para dentro do bolso do vestido que usava e tocaram a carta de Christopher Phelan. Ao encostar os dedos no pergaminho amassado em que ele escrevera, Beatrix sentiu o coração apertar, numa pontada quente e prazerosa.

– Você tem andado muito quieta ultimamente – disse Amelia, os olhos azuis inquisitivos. – Parece que esteve chorando. Algo a está perturbando, querida?

Beatrix deu de ombros, constrangida.

– Acho que estou melancólica por causa da doença do Sr. Phelan. Audrey disse que ele se encaminha para o pior.

– Ah... – A expressão de Amelia se suavizou por causa da preocupação. – Gostaria que pudéssemos fazer alguma coisa a respeito. Se eu preparasse uma cesta com conhaque de ameixa e um manjar branco, você levaria para eles?

– É claro. Irei até lá esta tarde.

Beatrix se recolheu à privacidade de seu quarto, sentou-se diante da escrivaninha e pegou a carta. Escreveria uma última vez para Christopher, uma mensagem impessoal, com um distanciamento educado. Era melhor do que continuar enganando-o.

Ela destampou o tinteiro com cuidado, mergulhou a pena e começou a escrever.

Caro Christopher,

Por mais que o estime, caro amigo, seria imprudente de nossa parte nos precipitarmos enquanto você ainda está longe. Conte com meus mais sinceros votos pelo seu bem-estar e segurança. No entanto, acho melhor deixar-

mos qualquer menção a sentimentos mais pessoais entre nós para quando você voltar. Na verdade, provavelmente é melhor que encerremos nossa correspondência...

A cada frase, Beatrix encontrava mais dificuldade em fazer os dedos funcionarem. A pena tremia em sua mão, apesar de segurá-la com força, e ela sentiu as lágrimas arderem de novo nos olhos.

– *Bobagem* – disse.

Doía, literalmente, escrever mentiras como aquelas. Beatrix sentia a garganta tão apertada que era difícil respirar.

Decidiu então que, antes de terminar a carta que estava escrevendo, contaria a verdade em outra, a que ansiava mandar para ele, mas que seria destruída.

Respirando com esforço, Beatrix pegou outra folha de papel e começou a escrever apressadamente umas poucas linhas, apenas para seus olhos, esperando, assim, amenizar a dor intensa que lhe apertava o coração.

Caríssimo Christopher,

Não posso mais escrever para você.

Não sou quem acha que sou.

Não tinha a intenção de enviar cartas de amor, mas foi isso que elas se tornaram. No caminho até você, as palavras se transformaram nas batidas do meu coração gravadas em papel.

Volte, por favor, volte para casa e descubra quem sou.

Beatrix não conseguia enxergar direito através das lágrimas. Deixou a folha de lado, voltou para a carta original e terminou-a, expressando seus votos e orações para que ele fizesse um retorno seguro ao lar.

Quanto à carta de amor, ela amassou-a e jogou-a na gaveta. Mais tarde, a queimaria numa cerimônia particular e observaria cada palavra emocionada arder até virar cinzas.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

www.editoraarqueiro.com.br

facebook.com/editora.arqueiro

twitter.com/editoraarqueiro

instagram.com/editoraarqueiro

skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br